

AFIRMAR PRESENCAS, DISPUTAR MEMÓRIAS: A PERCEÇÃO DO TERRITÓRIO NA PEQUENA ÁFRICA RJ

*Fernanda Ester Sánchez García
Luiz Paulo Ramos de Carvalho
Rafael Alves Corradi
Camila Gavazzi Felix
Marcele Figueiredo*

Resumo: O presente artigo é movido por uma questão central: é possível disputar a memória de um lugar? E este lugar é a área portuária do Rio de Janeiro. Atravessada por um grande projeto urbano que promove o consumo do espaço, de seus ícones bem como de um novo ethos, a área pode, contudo, ser percebida como território da ancestralidade negra. Para esta percepção dos repertórios de ação material e imaterial no lugar da Diáspora Africana, foram utilizados percursos, derivas, corpografias, cartografias críticas, colagens e mosaicos. Tais instrumentos foram definidos a partir de conceitos, transformados em orientações teórico-metodológicas norteadores da leitura: apagamentos, disputas de lugar, desobediência epistemológica nos estudos urbanos, afirmação da negritude no espaço, narrativa espacial afrodiaspórica, grafagens territoriais e percepção da memória. Mais do que reparação, se trata de produzir um conhecimento que busque disputar sentidos e afirmar presenças no território.

Palavras-chave: Percepção. Memória. Ancestralidade. Negritude. Disputas Territoriais.

AFFIRM PRESENCE, DISPUTE MEMORIES: THE PERCEPTION OF THE TERRITORY IN LITTLE AFRICA RJ

Abstract: This article is driven by a central question: is it possible to dispute the memory of a place? And this place is the port area of Rio de Janeiro. Crossed by a large urban project that promotes the consumption of the space, its icons as well as a new ethos, the area can, however, be perceived as a territory of black ancestry. For this perception of the material and immaterial action repertoires in the place of the African Diaspora, routes, drifts, corpographies, critical cartographies, collages and mosaics were used. Such instruments were defined based on concepts, transformed into theoretical-methodological guidelines that guide reading: erasures, disputes over place, epistemological disobedience in urban studies, affirmation of blackness in space, Afro-diasporic spatial narrative, territorial writings and perception of memory. More than reparation, it is about producing knowledge that seeks to dispute meanings and assert presence in the territory.

Keywords: Perception. Memory. Ancestry. Blackness. Territorial Disputes.

AFIRMAR PRESENCIAS, DISPUTAR MEMORIAS: LA PERCEPCIÓN DEL TERRITORIO EN PEQUEÑA ÁFRICA RJ

Resumen: Este artículo está impulsado por una pregunta central: ¿es posible disputar la memoria de un lugar? Y este lugar es la zona portuaria de Río de Janeiro. Atravesada por un gran proyecto urbano que promueve el consumo del espacio, de sus íconos y de un nuevo espíritu, la zona puede, sin embargo, percibirse como un territorio de ascendencia negra. Para esta percepción de los repertorios de acción material e inmaterial del lugar de la diáspora africana se utilizaron rutas, derivas, corpografías, cartografías críticas, collages y mosaicos. Dichos instrumentos se definieron a partir de conceptos, transformados en lineamientos teórico-metodológicos que orientan la lectura: borraduras, disputas de lugar, desobediencia epistemológica en los estudios urbanos, afirmación de la negritud en el espacio, narrativa espacial afro diaspórica, escrituras territoriales y percepción de la memoria. Más que reparación, se trata de producir conocimiento que busque disputar significados y afirmar presencias en el territorio.

Palabras-clave: Percepción. Memoria. Ascendencia. Ennegrecer. Disputas Territoriales.



1. INTRODUÇÃO

A área denominada como Pequena África no Rio de Janeiro, representa valiosa herança histórico-cultural da diáspora africana no Brasil, marcado por expressões culturais e religiosas, como o samba, o carnaval, a culinária, o candomblé e a umbanda, grandes nomes revolucionários, como Mestre Valentim e André Rebouças, e arquiteturas únicas, como o Cais do Valongo e o Armazém das Docas Dom Pedro II, entre outros, conformando a importância da sua contribuição para a formação do país. Parte desta região é também fração da área portuária da cidade e, apesar da dita relevância histórico-cultural, este espaço tem sido alvo de intervenções que descaracterizam suas raízes e lutas, para criar uma nova imagem de cidade *world class* e atrair outro perfil de cidadãos a conviver nestes espaços reformulados. Essa realidade faz parte da ação gerada pelos Grandes Projetos Urbanos (GPUs), especificamente para esta região, o chamado “Porto Maravilha”, uma operação que liga agentes públicos e privados, que está em desenvolvimento desde 2009.

Desde os anos 1960 o poder público se utiliza de intervenções urbanas em áreas degradadas, abandonadas previamente pelo próprio governo ou pelas empresas, orquestradas em conjunto com estratégias para alterar a percepção ambiental da população, com objetivo de nelas, fomentar novos usos, usuários e investimentos. Nesta época, pesquisadores de arquitetura, urbanismo e geografia compreenderam a relevância da psicologia aplicada ao espaço, tanto pelo estudo da percepção quanto do comportamento humano, ao notar que interferir no espaço, sobretudo no tecido urbano, reconfigura a construção mental, suas imagens e atributos percebidos pelos indivíduos (Del Rio, 1999). Neste sentido, destacam-se os casos das áreas centrais e orlas marítimas de Baltimore, Boston e Londres nas décadas de 60 à 80 (Del Rio, 2001), das quais alguns “sucessos” econômicos levaram os técnicos a acreditar na recuperação imagética de áreas degradadas, por meio de intervenções urbanísticas, aliadas ao estímulo às novas percepções e imagens destes espaços. Consequentemente, as práticas de planejamento urbano passaram a se fundamentar e até depender destas estratégias. Para

Sánchez(1999), a ampla difusão das “imagens síntese” norteia a percepção coletiva dos espaços e conduz ao uso e à apropriação dirigida dos mesmos, a nosso ver, uma forma de manipular não apenas a percepção, mas as expectativas, valores e a memória da população.

“Sucesso” econômico, mas a que custo? Neste estudo, dentre outros efeitos, os GPUs resultam no apagamento da memória e da cultura africana local, em busca da valorização imobiliária e do embranquecimento (Santos, 2022). Promovem, assim, a gentrificação e a invisibilização da população negra, que convive há séculos nesta área, suportando os efeitos da falta de infraestrutura e investimentos. Alguns dos ícones da reestruturação globalizadora do espaço são: *Rio Star*, a roda gigante que promove a visão panorâmica da área, Museu do Amanhã, assinado pelo arquiteto do *star system* Santiago Calatrava e que não menciona o “Ontem”, veículo leve sobre trilhos, ou VLT, com design primeiro mundista junto aos dispositivos de ressignificação da área como a chamada “Parada dos Museus”, nome da estação que se localiza na Praça Mauá, embora não leve o nome dela.

Assim, propõe-se neste texto uma leitura dos processos urbano-culturais na área portuária, reivindicada por alguns movimentos sociais como “Pequena África”, decorrentes das intervenções do Porto Maravilha. Junto a esta ação, na qual novas desigualdades sócio territoriais têm sido produzidas e as antigas acentuadas, encontra-se também resistência. Isso porque, decorrentes deste processo de renovação urbano-cultural, emergem disputas em torno dos usos públicos da memória por diferentes grupos sociais.

Então, apresentam-se neste trabalho narrativas espaciais históricas e contemporâneas da diáspora africana, enquanto ferramentas na disputa por reconhecimento, afirmação e percepção territorial. A proposta é estudar como os coletivos negros têm se apropriado do espaço público, com um repertório de lutas e resistências por meio de expressões artísticas, culturais e religiosas, como um grande enredo e ritual pelas “disputas de lugar” (Coli;

Santos, 2019; Santos, 2022) da memória e da percepção.

Em meio a tais disputas, reconhecemos também as disputas pela percepção do território. Para Oliveira (1996) os atos de olhar, ouvir, junto aos demais sentidos, captam estímulos externos e realizam a etapa perceptiva, dando contornos à cognição. Visto que, a mente não recebe informações passivamente, escrever, assim como pensar, têm contribuição ativa da inteligência do sujeito (Moore; Goolledge *apud* Del Rio, 1999, p.3).

No cenário de branqueamento e aumento das desigualdades urbano sociais na Pequena África, uma área de relevância histórica e cultural para o Brasil, sobretudo para os afro-brasileiros, esse trabalho investiga como se dá a percepção deste espaço em que ocorrem disputas de sentido, onde memórias são criadas, se sobrepõem e se impõem, enquanto outras são apagadas. Desta forma, compreende-se que os processos de apropriação do urbano passam pelo reconhecimento da realidade sensorial da cidade entre sujeitos, ações, expressões e suas territorialidades. Por isso, busca-se entender como a memória afro-carioca e brasileira funciona enquanto um dispositivo de ligação entre as diversas sensações experimentadas na Região Portuária do Rio de Janeiro, e unifica o suporte espacial deste território ao preenchê-lo de significados.

Dessa forma, compreende-se que os processos de apropriação do espaço urbano passam pelo reconhecimento dos lugares significantes. O corpo sensível percebe o mundo com o qual interagimos, enquanto a memória multiplica-se em lentes que evocam nossa interpretação subjetiva da experiência coletiva, e nos permitem ressignificar a materialidade e imaterialidade do espaço, transformado em território (Haesbaert, 2021).

Dentro desse contexto, o trabalho formula novas cartografias, corpografias e grafagens críticas da área portuária, com o objetivo de explorar noções chave a partir do pensamento descolonial latino-americano (Porto-Gonçalves, 2002, 2020), quais sejam: desobediência epistemológica nos estudos urbanos, afirmação da negritude no espaço, narrativa espacial

afrodiaspórica, disputas de lugar e disputas de memória. A metodologia da pesquisa se pauta na aplicação de conceitos como o de embranquecimento e de disputas de memória para compreender a área de estudo, apreendida em cartografias, colagens e mosaicos que representam uma síntese das dinâmicas observadas em visitas de campo, realizadas por meio de diferentes percursos. Mais do que reparação, se trata de produzir um conhecimento que dispute sentidos e afirme presenças negras no território.

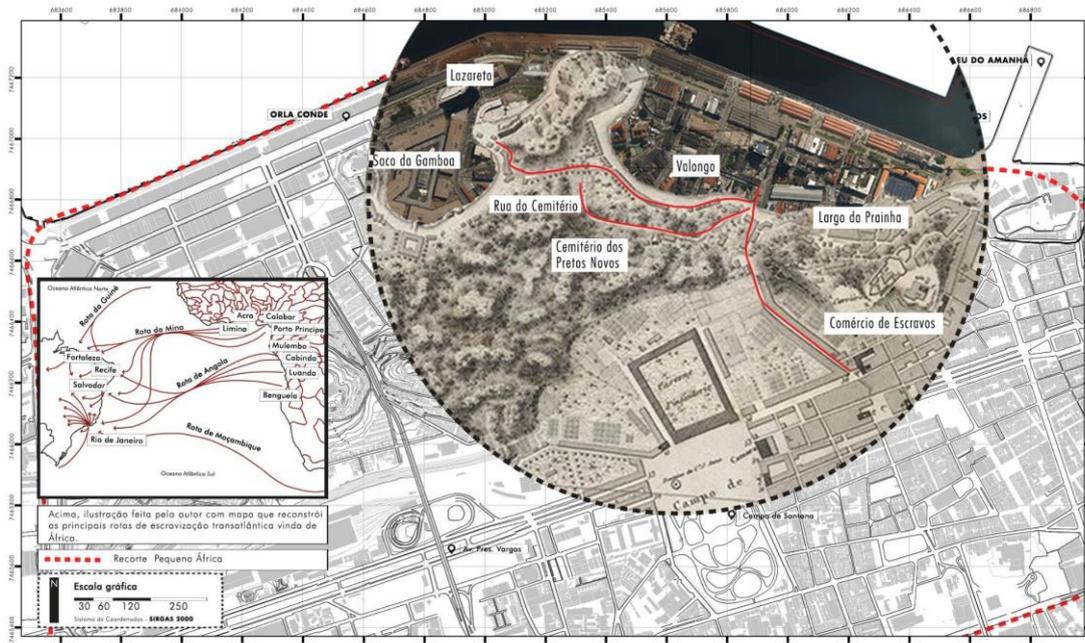
Devido à abrangência do tema discutido, o artigo foi dividido em duas seções, a análise da disputa de espaços de memória no âmbito material e imaterial. Nesse sentido, são desenvolvidas em ambas as partes discussões acerca do apagamento e do destaque a determinadas percepções espaciais, e a análise do enfrentamento social em torno da apropriação do espaço urbano, os sujeitos, os instrumentos bem como os conflitos gerados, registrados por meio da produção de cartografia crítica voltada para as expressões territoriais relacionadas à herança e presença afro-brasileira. À cartografia se junta o reconhecimento de formas de grafagem espacial, organizadas neste artigo na forma de mosaicos, bem como as colagens artísticas, produzidas a partir da experiência espacial racializada de um dos autores¹.

2. CAMINHOS E IMAGINÁRIOS: A DIMENSÃO MATERIAL DA HISTÓRIA NA PEQUENA ÁFRICA

Um dado central na construção deste trabalho e que vem sendo pautado há décadas por pesquisadores, movimento negro e atores locais nesse território é o fato de que a Zona Portuária e o Centro da Cidade do Rio de Janeiro são marcados por uma ocupação negra que data do séc. XVI. É um território que atesta as experiências socioculturais dos africanos submetidos ao processo de escravização. Para Freitas (2022), sua dimensão material e simbólica deve ser compreendida a partir do entrelaçamento de elementos que assumem funções projetadas pelos grupos sociais mediante suas necessidades, aspirações e experiências que tecem com o lugar, resultando

muitas vezes em uma realocação estética do passado, cuja apropriação cultural do espaço se dá também a partir do fluxo de capitais da escravidão.

Imagem 1 - Sobreposição da atual configuração urbana da Região Portuária com mapa histórico dos primeiros traçados urbanos da Cidade e, então, capital do Brasil (séc. XVI). Em miniatura, as principais rotas transatlânticas de escravidão que chegavam ao porto do Rio de Janeiro, sendo este o marco histórico da escravidão nas Américas.



Fonte: Cartografia elaborada pelos autores.

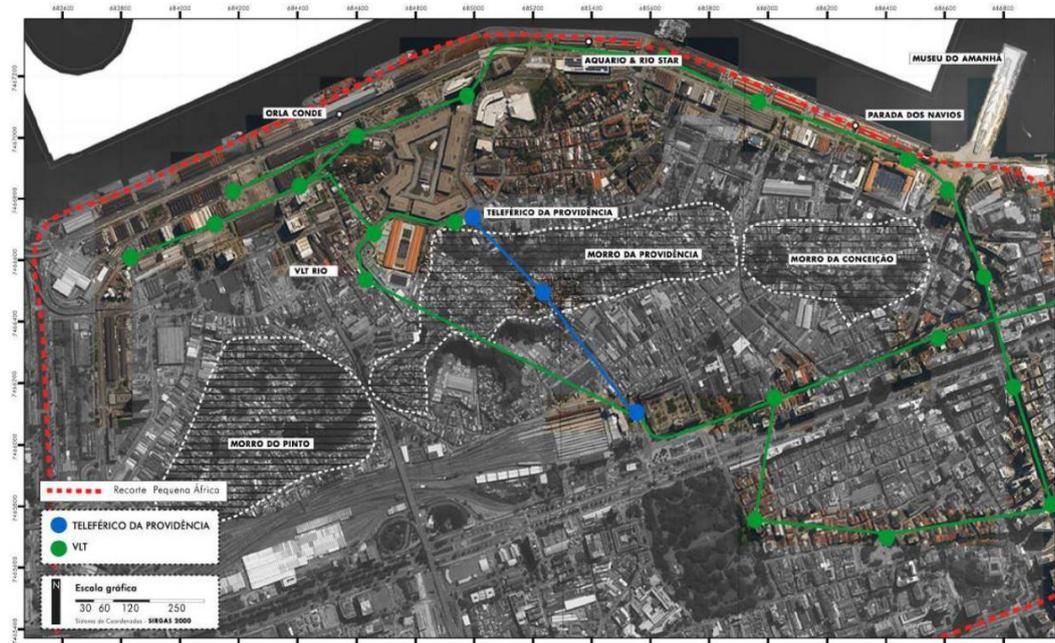
Arantes (2000) situa a cultura como um elemento central na fórmula do planejamento urbano estratégico, que se vale tanto da criação de museus, equipamentos culturais e espaços de lazer, quanto da realização de eventos, para a projeção da imagem da cidade. A reestruturação urbana promovida pela operação Porto Maravilha enquanto um projeto estratégico surgiu, em 2009, com a intenção de afirmar um novo modelo de cidade globalizada, fundamentado na ideia de centros urbanos inovadores e criativos, movidos pelo fluxo de pessoas, ideias e recursos. Essa visão globalizada, entretanto, deixa de fora a população que já residia na região portuária, tanto nas suas necessidades, quanto nas suas potencialidades.

Observamos que os contínuos projetos *world class* remodelam o espaço urbano enquanto configuram uma negação do direito à cidade a corpos não visados nestas intervenções. Trata-se de corpos em sua maioria racializados, que no perfil sócio-demográfico brasileiro também são

atravessados por uma inscrição de classe e renda. Mas tamanha desestruturação não ocorre sem resistência. A região é marcada pelo contexto de luta contra a opressão e discriminação sofrida ao longo do tempo, o que configura as disputas de lugar e de memória. Tal disputa caracteriza, a um só tempo, uma disputa também pela percepção, pelos sentidos subjetivos de quem percorre a área e a habita. Reconhecer-se no espaço enquanto um corpo negro, ver sua história e lutas grafadas na cidade, muda a percepção de si, do outro e da cidade. A cultura afro-brasileira é herança e vivência, estruturou historicamente e estrutura ainda a região, ainda que sua expressão seja negada no projeto imagético da cidade *world class*. Torna-se assim resistência.

Isto posto, procedemos à análise dos repertórios da memória material, a partir dos quais criamos cartografias e colagens que expressam os processos de reinvenção urbano-cultural analisados. Daí emergem contradições, conflitos e resistências, que orientam as disputas em torno dos usos públicos da memória pelos diferentes grupos sociais.

Imagem 2 – Intervenções do GPU Porto Maravilha.



Fonte: Cartografia elaborada pelos autores.

A região da Pequena África possui patrimônios ligados à cultura negra, que só recentemente tiveram maior destaque dentre os pontos que se estabelecem como marcos na cidade. O tombamento histórico do Cais do Valongo é representativo de uma guinada na preservação e valorização do patrimônio da história da diáspora africana no Brasil. Sua descoberta se deu em 2011, pela arqueóloga Tania Andrade Lima que, inclusive, foi homenageada em 2023 pela descoberta (Gandra, 2023), e o processo de tombamento desse sítio arqueológico foi iniciado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), culminando em seu reconhecimento como Patrimônio Mundial pela UNESCO em 2017. O Cais configura um dos 12 pontos do Circuito Histórico de Herança Africana, mediante o Decreto Municipal n.º 34.803 de 29 de novembro de 2011.

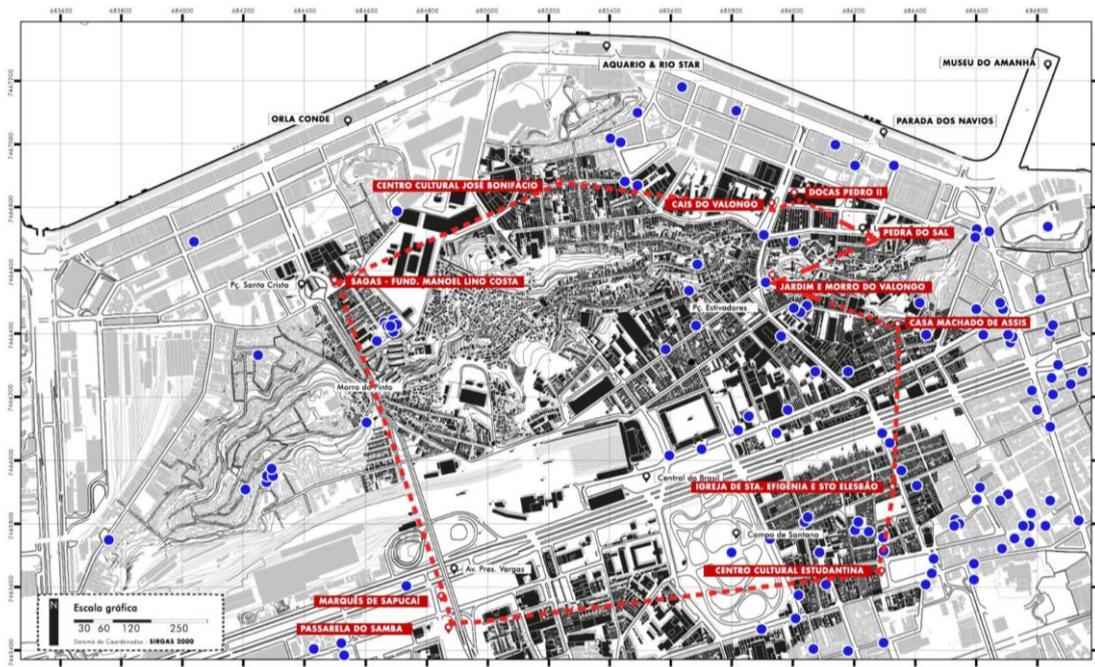
Imagem 3 - Mapa do Circuito Histórico de Herança Africana.



Fonte: Instituto Pretos Novos (IPN).

Entendemos a criação do circuito como um marco extremamente valioso, mas cuja abrangência ainda pode ser ampliada. Neste trabalho buscamos, então, trazer à luz o que já habita o espaço, mas passa despercebido aos olhares e mapas oficiais. É contraditório que uma área historicamente habitada por uma população afro-brasileira observe uma escassez de patrimônios afrocentrados, sendo expressiva a disparidade entre bens vinculados à memória e cultura negra no território, que representam apenas 9,6% do total patrimonializado (Severino, 2022). De acordo com análise proposta por Severino (2022), há 177 bens tombados que se distribuíram sob a tutela do IPHAN, Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (INEPAC) e Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), e apenas 11 desses bens são classificados como patrimônios negros, número aquém do ideal, dada a proporção e a significância da Pequena África e sua importante história para a cidade e para o país. Em relação às perspectivas de disputa simbólica, compreendemos a partir de Severino (2022) o censo, mapa e museu como instituições de poder que, interligadas, são mobilizadas na construção identitária dos Estados de formação colonial. Diversos autores apontam que há na patrimonialização da Pequena África um processo de branqueamento cultural e da imagem do território (Coli; Santos 2019; Santos *et. al.*, 2022, Severino, 2022), compreendidos como apagamento de referências vinculadas a grupos não-brancos. Considerando este contexto, o movimento de criação de espaços *world class* evidencia o racismo presente nesse projeto que aprofunda o apagamento, já verificado nos espaços de memória e preservação, que têm como objetivo um processo de branqueamento da cultura e da imagem do território.

Imagem 4 - Cartografia dos Patrimônios demonstra que no recorte geográfico da Pequena África, apenas 6,2% dos patrimônios tombados correspondem à memória negra.



Fonte: Cartografia elaborada pelos autores.

Forma-se uma curadoria racista da percepção, um racismo dos registros, da negação dos espaços de memória, da seletividade dos espaços a serem preservados e criados. Nesse sentido, cabe pensar a discussão do patrimônio material, chave do intangível, do subjetivo, pela lente decolonial para reivindicar, mediante a fricção do território, uma territorialidade negra.

Em contrapartida ao apagamento, a presença aparece também na produção simbólica contemporânea, com papel significativo na expressão da subjetividade no espaço urbano. É a exteriorização corporificada no território, como demonstração de liberdade e ferramenta de disputa do lugar. As grafagens de arte urbana manifestam a cultura e as lutas de um povo, expressão afrodiaspórica que remonta à história, remarca territorialidades, festejos e afirmação de lugares de pertencimento. A partir disso, a cartografia busca evidenciar os repertórios de ação territorial afro-brasileiros contemporâneos, como patrimônio material que representa mais uma disputa por reconhecimento e valorização deste lugar, compreendido enquanto território negro de luta antirracista.

Imagem 5 - Mapeamento e mosaico de expressões artísticas, pinturas e grafites.



Fonte: Elaborado pelos autores com fotografias tiradas em atividade de campo.

Santos (2022) caracteriza um duplo processo de embranquecimento e alienação do espaço numa tendência à “desculturalização” da área. O grafite e outras formas de arte desempenham um papel significativo na disputa pela territorialidade, atuando como ferramentas de ação e transformação da cidade, por meio da expressão e identidade, transformação de espaços negligenciados, participação comunitária, luta e resistência, ativação de espaços públicos, narrativa histórica e cultural, além da conscientização coletiva.

Mediante expressões artísticas impactantes o ativismo pode chamar a atenção para problemas como desigualdade, segregação, degradação ambiental e falta de acesso a serviços básicos, promovendo a conscientização e a busca por soluções.

As expressões artísticas podem colocar em evidência as demandas e necessidades da comunidade, proporcionando informações valiosas para as tomadas de decisão e a formulação de políticas mais alinhadas com as aspirações e valores da população. Nesse sentido, é preciso salientar o aspecto político das pedagogias de racialização, para ocupar a centralidade

das narrativas de dizer sobre e para o outro.

Para que não caia no esquecimento, o trabalho desta pesquisa propõe também elaborar colagens e mosaicos cujo objetivo é evidenciar embates da memória dolorosa da escravidão, para não apenas romantizar a força e resistência simbólica que hoje ainda representa.

Imagem 6 - “Mãos que construíram mundos”. Colagem digital.



Fonte: Elaborada pelos autores com pinturas de Debret, fotografia das ossadas encontradas no Cemitério dos Pretos Novos e fotografias do acervo municipal da cidade do Rio de Janeiro.

3. ARTE, CULTURA E RITUAL: A PERSPECTIVA DO IMATERIAL E INTANGÍVEL NO ESPAÇO URBANO

As expressões culturais afro-brasileiras são uma forma poderosa de resistência simbólica contra o apagamento histórico que pode ocorrer devido à transformação urbana, mantendo viva a herança afro-brasileira e fortalecendo o vínculo das comunidades com seu território. A imaterialidade do patrimônio e seu universo intangível, engendram diferentes interpretações do espaço urbano que demandam novas formas de se analisar as relações entre espaço, indivíduo, raça e subjetividades que dão suporte a premência de reflexão e da construção de metodologias de pesquisa que se pautem em abordagens participativas e sensíveis dos

sujeitos que se inserem, agem e modificam as territorialidades estudadas.

Buscamos reconhecer os espaços de re-existência com as práticas imateriais de uso do espaço como formas de agência popular e auto-organização para além de moradia, ligada a uma espécie de habilidade específica de sobreviver e marcar o território, transitar em rituais cotidianos pelo espaço, a chamada “viração”, nas palavras de Vera da Silva Telles (2006), junto às práticas culturais da religiosidade e da festa como modos de significação do espaço ao longo da história dos sujeitos afro diaspóricos na área (Porto-Gonçalves, 2002, 2020; Krenak, 2022).

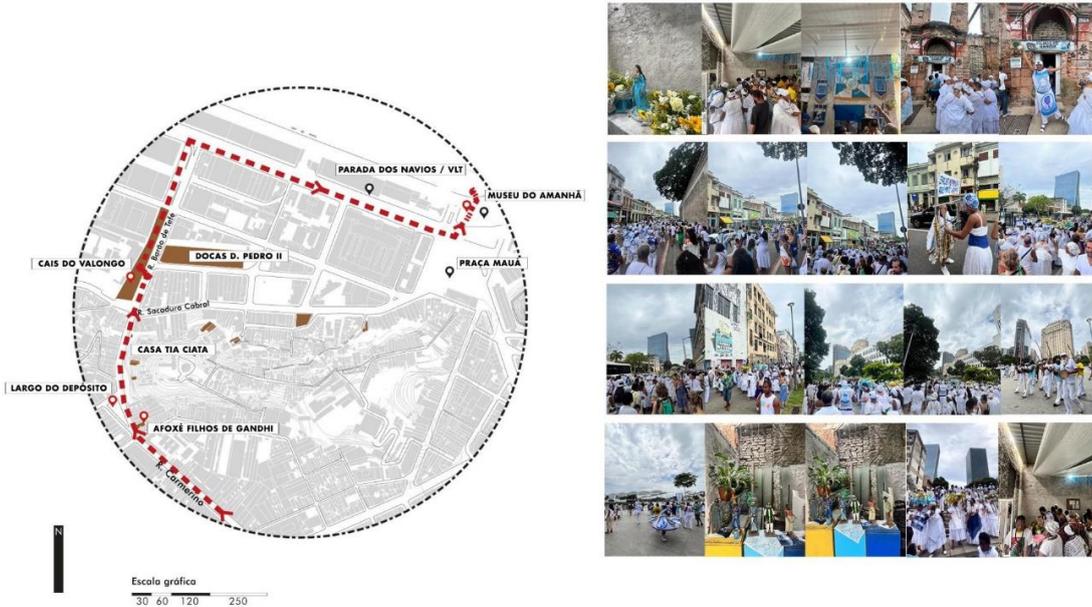
A noção de co-definição do espaço, de tensionamento trazido pelas alteridades com agência política, territorializando-o, tem efeitos políticos contraditórios e limitados por novas formas de solidariedade e horizontalidades subalternas. Nesse contexto, os sujeitos subalternos negociam permanentemente sua identidade territorial, ora em ações afirmativas de reexistência, ora em adaptações aos códigos dominantes, em ações híbridas por vezes abrigadas nas instituições da cultura espetacularizada, como o Museu de Arte do Rio (MAR). Na busca de espaço político e de alargamento das condições de subjetivação e reimaginação do espaço, coletivos negros, grupos religiosos e associações culturais afro-diaspóricas constroem alianças e redes de apoio. Trata-se de lutas que transcendem séculos de opressão e silenciamento.

Nesse sentido, o samba, a capoeira, o candomblé e a umbanda tiveram um papel importante na formação da identidade carioca e na criação de uma rica herança cultural. Festividades como o Carnaval, fortemente influenciadas pela cultura africana, se tornaram marcas registradas do Rio de Janeiro e do Brasil e atraem visitantes de todo o mundo.

De acordo com Santos *et. al.*, (2022), essa identidade africana, construída nesse espaço que temos como referência da cultura negra, é uma identidade que circula pela favela, pelas regiões mais baixas, no espaço do cais do porto. Trata-se da identidade dos lugares que vão criar matrizes e

informações sobre a forma e a cultura por meio da religiosidade. Neste sentido, a formação do samba e de suas rodas condensa provas materiais e imateriais de um longo processo histórico de ocupação física e simbólica. Os corpos negros em movimento naquele território alimentam, até os dias de hoje, a memória e a experiência urbana.

Imagem 7 - Mapeamento e mosaico Cortejo para Yemanjá. realizado pelo coletivo 'Afoxé Filhos de Gandhi'.



Fonte: Elaboração pelos autores, mosaico feito com fotografias tiradas em atividade de campo na Região Portuária do Rio de Janeiro, na atividade “Cortejo para Yemanjá”, realizado pelo coletivo ‘Afoxé Filhos de Gandhi’ no dia 02 de fevereiro (2023), dia tradicional de festejos ao orixá Iemanjá, que simboliza “mãe cujos filhos são peixes”.

De acordo com Carvalho(2023), arte, cultura e ritual envolvem pessoas, lugares, eventos e organizações baseadas na multiplicação de referências espaciais, constituindo assim um leque de urbanidades negras reivindicadas por esses repertórios, ao invocar a memória dos escravizados como um devir e torná-los companheiros na ideia de um ‘futuro que é ancestral’ (Krenak, 2022).

O patrimônio imaterial africano e afro-brasileiro desempenha um papel fundamental nessa área, preservando identidades culturais e resistindo à gentrificação. Essa resistência simbólica mantém viva a memória histórica e contribui para a preservação da cultura em face das transformações urbanas.

No contexto da diáspora africana, o território e a formação urbana da cidade do Rio de Janeiro estão intimamente ligados à história da escravidão. Muitos deles permaneciam na região portuária mesmo após a venda, formando comunidades negras que se estabeleceram na área, a qual que se tornou um centro de resistência, sociabilidade e produção cultural, abrigando diversos terreiros de religiões de matriz africana, rodas de samba, espaços de capoeira, irmandades, entre outros.

Rio (2008), em suas crônicas, fala dos negros islamizados que rezavam em árabe, dos vendedores de ervas, das rezadeiras, dos adivinhos, dos cantadores. Situa, ainda, o contingente baiano que aqui chegou ao final do século XIX atraído pelas oportunidades que a cidade oferecia. Esses migrantes foram viver perto do Cais do Porto, Saúde e Gamboa, onde a moradia era mais barata e onde já se localizavam outros grupos negros. Ao longo dos anos, essa região passou a ser conhecida como Pequena África devido à concentração significativa de população negra e à influência cultural afro-brasileira que ali se desenvolveu.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou a disputa de narrativa com aquela da operação urbana

Porto Maravilha, e tratou de desconstruir a master narrativa do projeto, a história que os atores dominantes contam sobre si mesmos (Roy et al., 2017). Por meio da proposta de construção de mapas, mosaicos e colagens foram explorados novos códigos contra as gramáticas universalizantes do grande projeto, baseadas no modelo *world class*. Este movimento de produção do conhecimento no urbanismo opera por meio de uma desobediência epistêmica.

Estudar o urbanismo a partir da percepção é admitir a importância dos corpos que percorrem, habitam e vivenciam as cidades. É superar as abordagens dualistas que, por muito tempo, priorizam a razão, em detrimento da emoção, que separam a pessoa do lugar, e vice versa, como se fosse possível estudar uma cidade sem sujeitos, ou sujeitos deslocados de seu meio. Superar as fronteiras bem definidas é desafiar a violência epistêmica e dessacralizar as narrativas com as quais os planejadores têm sido cúmplices. E, acima de tudo, trata-se de uma responsabilidade ética, não somente com a disciplina, mas também com o espaço e os diversos sujeitos nele presentes, com suas próprias experiências vividas e emoções.

As grafagens são necessariamente seletivas, ajudam a construir sentidos do passado, mas também preparam para o futuro. Contribuem para moldar novas imaginações de alternativas. O reconhecimento da memória, grafada no território em murais, monumentos, edificações, rituais religiosos e cortejos festivos, foi aqui realizado em cartografias e artes. Tal gesto de pesquisa, brevemente exposto no artigo, pretende contribuir nas práticas do fazer cidade. Sugere, com esforços como este, descolonizar a disciplina do urbanismo, usando os conceitos e instrumentos aqui apresentados.

O trabalho procurou suscitar uma nova compreensão do território do Porto do Rio de Janeiro, por meio da produção cartográfica advinda de uma perspectiva afro-diaspórica. A proposta de tensionamento e reformulação da percepção dos espaços de memória na Pequena África pode contribuir para encontrar diferentes caminhos e avenidas que reconstruam a

relacionalidade, a sociedade e o território, numa estrutura de justiça epistemológica cicatrizante, curativa. Tal movimento favorece o aprimoramento do pensamento urbano, no sentido de reconstruí-lo de uma forma diferente e alternativa.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **Uma estratégia fatal. A cultura nas novas regiões urbanas.** In ARANTES, Otília. VAINER, Carlos. MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos.** 3ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CARVALHO, Luiz Paulo R.. **Arte, Cultura e Ritual: percursos e grafagens para um museu território na Pequena África do Rio de Janeiro.** Trabalho de Conclusão de Curso (Orientação: Fernanda Sánchez) - Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense. Niterói. 52 págs. 2023.

COLI, Luiz Régis; SANTOS, Renato Emerson. **Planejamento popular e ativismos cartográficos na cidade do Rio de Janeiro: perspectivas recentes de afirmação simbólica e territorial.** Sessão Livre. Natal: ENANPUR, 2019.

DEL RIO, Vicente. **Cidade da Mente, Cidade Real: percepção e revitalização da área portuária do RJ.** In DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de (Orgs). **Percepção ambiental: a experiência brasileira.** São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Editora da UFSCar, 1999.

DEL RIO, Vicente. **Voltando às origens. A revitalização de áreas portuárias nos centros urbanos.** *Arquitextos*, São Paulo, ano 02, n. 015.06, Vitruvius, ago. 2001. Disponível em <http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/117/1/IU009%20-%20vitruvius_arquitextos_015_06.pdf>. Acesso em: 19 set. 2023.

FREITAS, Iohana Brito de. **Turismo Histórico e Memórias da Escravidão.** In: SANTOS *et. al.*, (Orgs). **Territórios Negros: patrimônio e educação na Pequena África** [recurso eletrônico] / organização Renato Emerson (et al.). 1. ed., Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

GANDRA, Alana. **"Arqueóloga Carioca É Premiada Por Descoberta Do Cais Do Valongo".** 2023. Agência Brasil. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/arqueologa-carioca-e-premiada-por-descoberta-do-cais-do-valongo>> Acesso em: 10 set. 2023.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na « América Latina ».** Buenos Aires:

CLACSO, 2021.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Ed. Loyola.1992.

KRENAK, Ailton.2022. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

NORA, Pierre. **Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux**. IN Pierre Nora (org). Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard, Vol 1 La République. p. XXIV, 1984.

INSTITUTO PRETOS NOVOS. "**Circuito De Herança Africana – IPN**". 2023. Disponível em: <<https://pretosnovos.com.br/educativo/circuito-de-heranca-africana/>> Acesso em 10 set. 2023.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de Antropologia. Vol. 39, No. 1 (1996), pp. 13-37. 1996.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Da Geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades, uma reflexão sobre epistemes e territórios**. CECEÑA, Esther; SADER, Emir (Orgs). La Guerra Infinita: hegemonía y terror mundial. Buenos Aires: CLACSO, 2002.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana**. Niterói: Revista PósGeo UFF, 2020.

RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

ROY, Ananya; CARRASQUILLO, Andrés; BRESNER, Daniel et al.(Org). **Teach. Organize. Resist**. Los Angeles: University of California Los Angeles UCLA, 2017.

SÁNCHEZ, Fernanda. **O City Marketing de Curitiba: cultura e comunicação na construção da imagem urbana**. In DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de (Orgs). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Editora da UFSCar, 1999.

SANTOS, Renato Emerson dos. **Territórios Negros: patrimônio e educação na Pequena África** [recurso eletrônico] / organização Renato Emerson (et al.). 1 ed., Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

SEVERINO, Anthony Matos. **Patrimônios em disputa: uma análise dos bens tombados na Pequena África, Rio de Janeiro**. Trabalho de Conclusão de Curso (Orientação: Renato Emerson Santos). 70 f. Rio de Janeiro: IPPUR-UFRJ, 2022.

TELLES, Vera da Silva; Cabanes, Robert (Org.). **Nas Tramas da Cidade - trajetórias urbanas e seus territórios**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

Notas:

¹ Dos cinco autores deste artigo, dois são afro-descendentes e vêm participando ativamente da construção deste objeto de conhecimento no âmbito do grupo de pesquisa.

SOBRE OS AUTORES:**Fernanda Ester Sánchez García**

Professora titular do Departamento de Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Grandes Projetos Urbanos (GPDU/CNPq).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8532-4180>

E-mail: fsanchez@id.uff.br

Luiz Paulo Ramos de Carvalho

Arquiteto, Urbanista e pesquisador do Grupo de Pesquisa Grandes Projetos Urbanos (GPDU/CNPq) pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-8829-415X>

E-mail: luizc@id.uff.br

Rafael Alves Corradi

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Grandes Projetos Urbanos (GPDU/CNPq).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0454-1678>

E-mail: rafael.corradi.91@gmail.com

Camila Gavazzi Felix

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Grandes Projetos Urbanos (GPDU/CNPq).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4486-6581>

E-mail: camilagavazzi@id.uff.br

Marcele Figueiredo

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Grandes Projetos Urbanos (GPDU/CNPq).

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0964-7144>

E-mail: marcelefigueiredo@id.uff.br

Artigo recebido em: 20 set. 2023. | Artigo aprovado em: 16 nov. 2023.